

HISTÓRIAS E SUBJETIVIDADE DA MIGRAÇÃO EQUATORIANA PARA A ITÁLIA. PAGNOTTA CHIARA*

Chiara PAGNOTTA

Resumo: Neste estudo com base em metodologias da história oral, são mostradas as histórias e as percepções de onze mulheres imigradas de Guayaquil (Ecuador) para Gênova e dos familiares que ficaram no seu país de origem. Mediante narração de suas histórias pessoais retratando o contexto migratório no Ecuador e na Itália com início no momento da partida até aquele de um eventual regresso ao país natal ou o da permanência definitiva no país de chegada.

Palavras-chave: Ecuador. Imigrações. Subjetividade. Rede migratória.

Abstract: This paper, using the methodological tools of oral history, presents stories and perceptions of eleven women migrated from Guayaquil (Ecuador) to Genoa and from their relatives in their home country. Through the narration of personal experiences it is shaped the context in which the migration from Ecuador to Italy occurs, from the moment of departure to the possible comeback or the definitive settlement in the new country.

Keywords: Ecuador. Migration. Subjectivity. Migration network.

INTRODUÇÃO

No âmbito dos estudos migratórios, frequentemente é-se levado a subentender que a cultura da migração seja, de qualquer modo, predeterminada pela origem e não por um processo dinâmico em evolução contínua. Uma concepção semelhante apresenta resolvida *a priori* a essência fundamental das pesquisas sobre as migrações: a questão da produção, reprodu-

* Professor contratado de História e Instituições da América Latina na Università de Trieste, doutora e pesquisadora em História, com especialização em História Contemporânea pela Universidade de Gênova (2007). Atualmente é docente contratada pela Universidade de Trieste e membro da comissão científica da Associação Internacional Areia, que tem como objetivo promover e sustentar, em nível nacional e internacional, a AREIA, arquivo audiovisual das imigrações entre Europa e América Latina. Seus interesses de pesquisa são: a história latino-americana, a história social, as imigrações e suas dinâmicas sociais, os processos de criação e de transformação das identidades étnicas nacionais e em especial na América Latina. E-mail: cpagnotta@gmail.com

ção e transformação da identidade dos migrantes (MEZZADRA, 2001). Recentemente alguns estudiosos criticaram o conceito de multiculturalismo (AMSELLE, 1990; CLIFFORD, 1999; HARNEY, 1984). Esses autores colocam em discussão a tendência atual de considerar a etnia; inicialmente, como um fato realmente evidente e que não precise ser testado, já que está ligado à mesma natureza do imigrado e dos seus descendentes. É necessário observar como para os mesmos descendentes a filiação é um dos elementos de identificação da própria existência multidimensional, mas não necessariamente o mais importante (RAMIREZ, 1991). Conforme o historiador Robert Harney (1984), a migração, ao contrário, constitui um quadro interno onde é preciso analisar a evolução dos comportamentos individuais e coletivos, as formas de solidariedade, as estratégias de vida, isto é, inserir a temporalidade histórica no centro do assunto em questão. Na verdade é a aquisição de uma perspectiva de estudo baseada na subjetividade dos imigrantes que permite ver como o modo de vida deles sejam construções sociais em evolução, dentro de um contexto específico, e não a expressão de uma presumida identidade cultural existente inicialmente. Neste artigo pretende-se mostrar de que maneira a migração é uma trajetória que envolve não somente os protagonistas, mas também a mesma sociedade de origem, as comunidades e os grupos domésticos de origem, partindo do estudo de casos de migração que de Guayaquil se dirigem a Gênova.

Analisando especificamente a migração internacional, pode-se ver como é possível identificar três grandes êxodos. O primeiro êxodo migratório equatoriano consistente foi dirigido aos Estados Unidos. Isso remonta a 1950, originado pela crise da produção do sombreiro de palha *toquilla*, e é limitado às zonas de produção do chapéu: Cañar, Azuay e Loja. David Kyle (2001), estudioso de imigração latino-americana nos Estados Unidos, assinala como sendo a imigração “pioneira” de algumas regiões do Sul do Equador que se expandirá notoriamente nos anos 80, durante a segunda leva migratória, com a ampliação das correntes migratórias. A migração entre os anos de 1980 e 1998 tem características diferentes: concentrou-se, principalmente, em duas províncias, Azuay e Cañar, tem uma forte característica rural e machista enquanto, majoritariamente, as mulheres imigram para reunir os familiares. O terceiro período da migração internacional equatoriana é aquele decorrente da crise econômica de 1998 e se dirige principalmente ao Velho Continente. A imigração na Europa, diferentemente da dos Estados Unidos, é um fato que diz respeito a todo o território equatoriano e não unicamente a algumas regiões, e é praticada por todos os setores da população entre os quais as mulheres e os índios (HERRERA; CARRILLO; TORRES, 2001). Historicamente, a população migrante é proveniente, em maior número, de Sierra, mas o recente fluxo migratório é constituído principalmente pela população da costa. Os dois países de destino mais procurados por esse êxodo são a Espanha e, em segundo lugar, a Itália. No que se

refere ao caso italiano, pode-se ver como o fluxo não é distribuído por todo o território nacional, mas assume um caráter metropolitano concentrando-se principalmente em três cidades: Gênova, Milão e Roma (PAGNOTTA, 2010). Em particular, no caso do Estado da Ligúria, a imigração equatoriana é sobretudo feminina¹ e costeira; especificamente, o coração da imigração em direção a Gênova concentra-se em alguns bairros da cidade de Guayaquil no qual foram desenvolvidas as pesquisas da autora: El Guasmo, El Suburbio Oeste...

Do ponto de vista metodológico, para redigir este texto foram utilizadas principalmente as histórias de vida de quinze mulheres equatorianas originárias da cidade de Guayaquil: onze mulheres imigradas, três familiares de imigrantes e um imigrante de retorno encontradas entre 2002 e 2005 na cidade da Ligúria e no porto equatoriano. Trabalhou-se principalmente com as fontes orais, visto que o que interessava neste ensaio era colher a materialidade dos acontecimentos e a subjetividade dos protagonistas. Essas fontes documentam acontecimentos, emoções e percepções particulares que não acham espaço nos documentos públicos, nas fontes institucionais e nos jornais. Com base nas histórias de vida colhidas, de fato, é possível perceber uma dimensão cultural maior do que a subjetiva; por meio de histórias pessoais do passado e do presente surgem traços do universo coletivo. Segundo Halbwachs (1968), a memória é um processo social, as pessoas lembram os acontecimentos que foram discutidos e reelaborados nas conversas com outros indivíduos. A sociedade participa na formação da memória individual e nela podem-se achar traços das representações sociais.

I O SONHO MIGRATÓRIO

Alguns estudos (ACOSTA, 2004) mostram como, por meio do mecanismo de difusão das informações, se cria no país um imaginário coletivo que se pode identificar o ficar no país com uma opção perdida, que não deixa espaço a nenhum possível futuro, enquanto a imigração permitiria regressar, prosseguir adiante. Existe a idéia de que as coisas sejam melhores em outra parte, que no exterior exista uma possibilidade maior de realização. Segundo Apparurai (1996), esse mecanismo está intrinsecamente ligado às idéias e às maneiras que chegam ao exterior e que são produzidas e difundidas pelos meios de comunicação de massa. Conforme o antropólogo peruano Teófilo Altamirano (1996), em uma sociedade onde os bens

¹ Por causa da notória prevalência numérica das mulheres imigrantes, a pesquisa desenvolvida analisou a imigração equatoriana por meio de uma análise geral cujos resultados foram publicados nos textos da autora citados na bibliografia. Para este artigo, ao contrário, não se pretende ocupar de questões legais à especificidade geral, mesmo que as histórias citadas sejam de mulheres.

materiais são considerados somente uma parte daquilo que proporciona a felicidade, é necessário considerar, entre as regiões que estimulam a migração, as variáveis de ordem qualitativa, ligadas às percepções individuais e coletivas. Com certeza, no Equador, todo esse conjunto de fatores contribuiu para a criação do sonho europeu como condicionante cultural para a decisão de migrar. O imaginário global contribuiu a tal ponto que as próprias perspectivas de realização e de mobilidade social crescente perdem o sentido de território. A apresentação do modelo de vida europeu, apresentado como único modelo possível, faz que muitas pessoas se imaginem como futuros migrantes, porque consideram que outro país possa oferecer muito mais chance do que o seu próprio. Maria Luz (irmã de Emma Luz, testemunha entrevistada em Gênova) nunca emigrou, mas de suas palavras surgem expectativas que envolvem a migração:

[minha filha] agora está estudando aqui, na Universidade Politécnica. Ela estuda aqui, porém eu a digo sempre: “Filhinha, se tem oportunidade, vai pra outro lugar”. Porque eu acho que têm aspirações melhores em outro lugar. Aqui não recebem muito reconhecimento embora o esforço que tenham feito (...) melhor procurar em outro lugar! (Maria Luz, 2005).²

Alguns estudos (AMBROSINI, 2006) elucidam como a experiência migratória precedente dos conhecidos e dos familiares, o funcionamento da corrente migratória, a difusão das informações seja importante exatamente quanto aos cálculos econômicos na explicação de chegadas e partida.³ Segundo Patrício Carpio (1992), as redes migratórias equatorianas dão lugar ao que é chamado “efeito dominó”.

Assiste-se o nascer da síndrome do estímulo: se todos estão fora, quero ir também; se todos tiveram a possibilidade de realização indo pro exterior, quero ir para lá também.

A respeito disso Emma Luz, imigrada em Gênova, disse:

Os meus colegas da Universidade todos foram pra fora, Espanha, e outros lugares da onde me escreviam, me chamavam. Eu sentia uma raiva, uma vontade de chorar, porque eles estavam bem, continuavam a estudar, e eu ao contrário estava sempre ali... Esta foi uma das coisas pelas quais eu disse há cinco anos, quando eu trabalhava em uma escola de freiras... Fiquei curiosa, e disse a mim mesma: “Talvez essa seja a minha oportunidade... (Emma Luz, 2004).

² Todas as histórias de vida citadas foram fornecidas pela autora junto a AREIA, arquivo Áudio visual das imigrações entre Europa e América Latina, a/c do departamento de História Moderna e Contemporânea da Universidade de Gênova.

³ O conceito de rede descreve e define estruturas sociais amplas e complexas que não são dadas unicamente por laços de parentesco e familiares, demonstra-se, geralmente, nas análises de qualquer fato social e no qual se pretende enfatizar as relações entre os atores e o sistema social.

Uma testemunha entrevistada em Guayaquil, Maria Luz (a irmã de Emma Luz), me conta como uma parte da sua família vive em Gênova enquanto o filho e alguns parentes por parte do marido vivem nos Estados Unidos e vêm do campo no interior do Equador:

Ch. P.: Por que seu filho foi para os Estados Unidos?

M.L.: Meu filho partiu porque lá embaixo tenho duas cunhadas. Há duas irmãs de meu marido, elas têm residência (legal) lá embaixo e desse jeito ele podia partir (...). Elas vinham do interior. (Maria Luz, 2005).

Essa frase elucidada como dentro da mesma família podem existir diferentes redes migratórias com diferentes destinos conforme a época em que se parte; com isso depara-se com um núcleo doméstico pelo qual a migração interna evolui para uma migração internacional. No que diz respeito à migração interna, o momento no qual migraram os familiares de Emma Luz é aquele do êxodo rural; isso evidencia a força atrativa que a cidade sempre exerceu sobre o campo no centro do processo migratório, seja nacional ou internacional, onde basicamente se passa de uma grande cidade equatoriana a uma grande cidade européia.

Evidencia-se ainda como a possibilidade de emigrar para os Estados Unidos esteja radicada no imaginário coletivo (do qual se falou no primeiro parágrafo) de todas as classes sociais. A Europa aparece nas rotas migratórias como uma “segunda escolha”. No imaginário, os mais valentes partem para a América do Norte.

Atuando contra de uma emigração para os USA existem outros fatores, entre esses o alto custo da viagem, tendo-se em conta que, no mercado negro, “comprar” uma viagem para os USA custa 10.000 dólares, enquanto para a Europa 4.500-5.000.⁴ Por outro lado, as desvantagens de emigrar para a Europa são um maior tempo para se pagar os débitos contraídos para poder tentar a viagem e o fato de não alcançar o nível salarial e de consumo almejados (PEDONE, 2006).

Bella (entrevistada em Guayaquil e mãe de uma jovem mulher emigrada para Gênova) diz:

B: Eu a digo que se [minha filha] residisse nos Estados Unidos [ao invés de estar em Gênova] e tivesse estudado, já teria outro emprego, porque lá embaixo vale o título de estudo, lá embaixo a teriam colocado em um trabalho e não estaria ainda esfregando chão. Aqui [em Gênova] desperdiçou nove anos”.

Ch.P.: Me parece que ela teria preferido ter ido para os Estados Unidos e não para a Itália, me parece.

⁴ Informação fornecida em conversas com muitas das entrevistadas. Para poder entrar na Europa como turista, precisa-se demonstrar ter meios econômicos para prover o próprio sustento. Geralmente, muitas equatorianas entram na Itália e na Espanha como turistas, tal modalidade permite chegar de avião e permanecer legalmente três meses em território comunitário.

B.: “Sim, pois vejo no telejornal, leio nos jornais, vejo moças que estão melhores nos Estados Unidos, que estudaram e que já têm um trabalho, uma condição; neste caso, a pessoa se sente bem, que valeu a pena sofrer tanto, se uma pessoa tem um bom trabalho. (Bella, 2005).

As pessoas entrevistadas em Guayaquil vivem em um bairro popular, de imigração (o subúrbio Oeste), criado pelo movimento das ocupações de terra nas zonas urbanas.

Exceto Bella (cuja filha emigrou para Gênova), as testemunhas afirmaram que suas famílias são originárias de Guayaquil. Deve-se considerar que, baseando-se nas observações feitas e nas informações fornecidas pelas testemunhas, embora estas últimas sofram de restrição econômica, não estavam em estado de indigência, como poderia supor o viver nos antigos assentamentos informais.

Diz Emma Luz, imigrada em Gênova:

E.L.: A casa em que eu vivo em [Guayaquil] é na periferia da cidade e a gente que mora lá não tem posição econômica muito boa, porém era eu que... O fato é que eu era médica, e depois a minha casa era a maior, três andares, as outras eram menores, pois eu tinha carro e os meus filhos iam para escola de carro, que os levava e buscava (EMMA LUZ, 2004)

2 UMA REDE MIGRATÓRIA

Entre Gênova e Guayaquil foi entrevistada a rede migratória e familiar de Emma Luz. Emma Luz é a cabeça da ponte migratória que leva para a Itália os filhos (foi entrevistada Emma Lorena, a filha) e a mãe. Seus familiares que não emigraram vivem em Guayaquil, entre a Avenida Portete e a Estrelo Salado, sempre no subúrbio Oeste.

A noção de “corrente migratória” foi formulada pela primeira vez pela Comissão Geral para a Imigração dos Estados Unidos em 1907 (DEVOTO, 1988, p. 103). Fernando Devoto (1991, p. 325) cita, porém, a difusão dessa terminologia principalmente por volta dos anos 70, quando as metodologias quantitativas tomaram importância em relação às dimensões subjetivas do processo histórico e da micro história. Se o conceito de corrente explica o mecanismo atrativo que os imigrantes desenvolvem no país em que chegam em relação àqueles que ainda não se deslocaram, serve para integrar a análise das migrações com o conceito mais amplo de rede já que as estratégias usadas pelos imigrantes são modeladas em relação à rede social a que pertencem. O conceito de rede descreve e define estruturas sociais amplas e complexas nas quais a união não se justifica pelos laços de parentesco ou familiares, mas se estende, em geral, na análise de qual-

quer fato social e no qual se pretende enfatizar as relações entre os atores e o sistema social (HERRANZ, 2000). O que o mecanismo de rede provoca é filtrar entre a Itália e o Equador as informações referentes à viagem, a inserção no trabalho no país de chegada, a procura de moradia e a criação de outra identidade na Itália e no Equador.

A análise das redes implica um olhar atento em relação às práticas da vida cotidiana, às mudanças de status, às idéias, às normas e aos comportamentos em geral produzidos pela imigração.

A situação que têm de enfrentar as primeiras imigradas equatorianas que chegam a Gênova é a ausência ou, pelo menos, uma fragilidade da rede que as deveria acolher. Serão as mesmas mulheres a ativar, para os próprios familiares, os mecanismos de atração típicos das correntes migratórias. Como Emma Luz conta muito bem, no momento de sua chegada na Itália não encontrou uma rede migratória já organizada, não havia nenhum conterrâneo esperando-a no aeroporto, tendo sido obrigada a enfrentar sozinha o novo contexto:

E.L.: O vôo que eu peguei, chegava a Roma, então eu disse: “Em Roma tem a irmã de minha cunhada, chamo-a para ver se me dá uma mão”. Rapidamente ela: “Claro, olá, tudo bem se quer vir, então vou te esperar, me telefone assim que chegar”. Então eu estava certa de que tudo seria fácil. (...) Devia me esperar [no aeroporto de Roma], mas não estava... [Uma pessoa me ajudou a telefonar para ela] e ela me disse: “Escuta, eu estou longe, de Roma, não posso ir te buscar...”. Quem sabe ela pensou que, somente por brincadeira, eu tinha falado isso [isto é, que estava chegando à Itália]. Ela me disse: “Estou longe de Roma e não posso ir te buscar” “E o quê que eu faço, já está tarde, não sei o que fazer, para onde vou? Não sei nem mesmo como trocar o dinheiro... Não sei o que fazer...” “Escuta, não conhece ninguém em outro lugar que possa te dar uma mão até que eu consiga chegar?” “ “ Tenho uma amiga que chegou há uma semana em Gênova, mas não sei nada dela...” E ela me respondeu rapidamente: “Quem sabe faça melhor ir para Gênova do que me esperar ir te buscar, ela está mais perto do que onde eu estou. (Emma Luz, 2004).

Como mencionado, Emma Luz não tinha a menor idéia do que a esperava em Gênova. A amiga, a irmã da amiga e a cunhada em quem ela tinha confiado a tinham, de diferentes maneiras, deixado sozinha na chegada na Itália. Entre outras coisas, a questão central da história de vida demonstra como entre Guayaquil e Gênova está, somente recentemente, sendo criado um mecanismo estruturado de rede familiar. Isso é explicado considerando o fato de que a imigração em Gênova teve início, coincidentemente, com a crise econômica de 1998, diferentemente da Espanha, e o papel *de cabeça da ponte da corrente migratória* foi desempenhado por quem partiu entre 1998 e 2000.

De fato, Emma Luz não teve ninguém que a acolhesse, e as informações que obteve em Guayaquil, sobre como seria em Gênova, se revelaram

escassas e imprecisas. Aquilo que Emma Luz encontrou pela frente foi somente um mecanismo de caçapalavras entre os emigrantes e os potenciais emigrantes, no qual a Itália é tratada como o país onde se está bem. Disse Emma Luz, Gênova:

E.L.: [A irmã da amiga] disse à irmã que estava bem, que estava trabalhando, mas não disse como estava fazendo, é essa a questão, que ela não havia me falado. “Emma Luz, vamos, minha irmã disse que está bem”... Um dia começamos a conversar, e ela diz: “Minha irmã está na Itália, está trabalhando, está bem, o que aqui ela ganha em cinco ou seis meses sendo professora, lá ela ganha em dois meses...” (Emma Luz, 2004).

Realmente, Emma Luz descobrirá em seguida que a irmã da sua amiga trabalha como diarista e não como professora. Encontramos-nos diante de uma desorientação devido ao fato de que muitas imigrantes não esperam ter de fazer trabalho doméstico, pois algumas vezes esse tipo de informação não é divulgado por meio das malhas da rede. É muito frequente que no Equador não se conheçam as reais condições de vida e de trabalho em Gênova. Sobre isso, Emma Luz (Gênova) diz:

E.L.: Eu pensava em ter de achar um trabalho como o que eu fazia lá, pois eu não era capaz de fazer outra coisa. É verdade que meus pais são pobres, nunca me deixaram faltar nada, eu tinha só que estudar, não fazia nada. Não sabia como se fazia faxina. Eu só sabia o que estava nos livros. Para mim foi uma coisa muito difícil e também quando eu aluguei um quarto, o dono, gentilmente, me disse que eu devia fazer a faxina da casa, uma semana isso, uma semana aquilo... “Na minha casa nunca fiz, vou ter de fazer aqui?” “Claro que faço”. “A cozinha: para cozinhar tinha que fazer um dia um dia o outro, mas eu nunca tinha cozinhado...” (Emma Luz, 2004).

Por exemplo, na região para onde Emma Luz, mãe de Emma Lorena, imigrou na Itália e sobre o trabalho que fazia, entre as testemunhas, existem diferentes interpretações. Maria Luz (2005), a irmã de Emma Luz, diz: “Sei que ela trabalha como enfermeira”. Emma Lorena, filha de Emma Luz:

Ch.P.: Quando a sua mãe partiu, você tinha aceitado que ela fosse para Itália?
E.L.: Sim. Eu estava de acordo porque ela era médica e então era a médica de uma escola católica dirigida por freiras que tinham sede também em Roma e disseram a ela para ir para lá pra fazer não sei o que nesse convento de freiras. Ficou um mês em Roma e depois voltou pra lá... Minha mãe não pensava em ficar, pensava em ir pra fazer esse curso em Roma e depois voltar. Foi encontrar uma sua prima em Gênova e conheceu... “Minha prima, que é médica, lá ela encontrou trabalho, em uma casa de repouso. (Emma Lorena, 2005).

A filha, talvez pela pouca idade (doze anos quando a mãe partiu e dezessete quando foi entrevistada), conta uma história completamente diferente daquela que conta a mãe.

Um assistente social do FEPP (organização de base da Igreja Católica) conta, em uma conversa informal, que conhece Emma Luz, e ele me explica também que ela foi para Gênova para fazer um curso de especialização e que lá ficou para trabalhar como médica.

Na verdade, Emma Luz e grande parte das imigrantes em Gênova, aquelas provenientes do Equador e Peru em particular, colocam-se em trabalhos ligados ao cuidado familiar: assistência a idosos, a crianças e faxinas (SEGOVIA, 2001).

Como surge dos testemunhos colhidos pela autora, todas as mulheres tiveram experiência de trabalho doméstico quando chegaram a Gênova. Vêm-se os casos de Margarida (ex-empregada), Elena (formada em Agronomia), Rosa (ex-professora) e Estela (ex-dona de casa) em relação às funções e aos horários de trabalho:

M: As faxinas por esta senhora... Eu trabalho cinco horas de manhã e quatro à tarde, nove horas, e não paro. Faço o mesmo trabalho por nove horas diretas. Tenho os sinais do trabalho nos braços, e aqui, nos pés, estão começando a deformar, pois fico muito tempo em pé. (Margarida, 2003).

E: A minha ambição era de trabalhar, e fui para trabalhar, para *limpar chão*, fazer faxina nos escritórios. Lembro-me dos primeiros dias... Falo pra você essas coisas, mas não sei se são importantes, se não tiver de contar me avise.

Ch.P.: Não se preocupe, está ótimo.

E: Lembro-me que ajoelhei e comecei a tirar as manchas de tintas que tinham ali. Olha... uma sujeira... tudo isso estava preto [Os joelhos]. Preto, preto, preto. Ia pra casa cansada, que não conseguia nem mesmo ficar de pé. E o dia seguinte, tinha de ir do mesmo jeito (Elena, 2002).

R: Nessa [senhora] da Rua Nápoles eu trabalhava do mesmo jeito, das oito e meia, fazia uma pausa de duas horas ia pro meu quarto pra descansar, não ia a lugar nenhum, e depois acabava às onze e meia da noite. Tinha de ver televisão com a vovó depois de ter feito o jantar, ter arrumado toda a casa, passado, lavado a roupa, tudo. Fazia tudo o que se faz em uma casa. Às onze e meia, meia noite ia descansar, mas antes lhe dava os remédios, a colocava na cama, trocava as fraldas. Agora com este idoso, às nove tenho de já estar trabalhando, mas vou sempre às oito e meia, pois ele se levanta cedo e começa a procurar algo pra comer, então eu vou cedo para que ele não me faça confusão. Dou-lhe a comida, a insulina, meço o diabetes (ROSA, 2001).

E: Não é bonito, realmente, o trabalho é duro. Não sei se tenho idéia fixa ou o que, porém eu espano o dia todo. Te falo outra coisa. Depois de dois meses que estava ali, nunca tinha usado um aspirador, nunca, pois ela acostumou que eu passasse o pano de poeira. Eu canso. Um dia eu a disse: “Senhora XXX, precisa comprar um aspirador”. Ela me disse: “Pra que, se tem prazer em trabalhar assim?” [Rimos] (Estela, 2002).

Em um contexto de crise econômica, típico da Europa dos últimos anos, a abundante oferta de mão de obra imigrante foi fundamental para a sobrevivência de muitos setores que não podiam suportar os custos derivados da admissão regular da força de trabalho. Esse fato foi mencionado com muita consciência por Emma Luz que explica a facilidade de ter achado trabalho como curadora em uma casa de repouso porque pagam menos do que para uma italiana (Emma Luz, I parte, 2004).

Para Paola Corti (2003), o exemplo mais significativo da relação entre a ilegalidade da migração e o mercado de trabalho é representado pela dinâmica que regula a atividade doméstica. A forte procura de mão de obra a ser empregada nesse setor constitui um fator de atração para as rendas irregulares e apresenta-se como a opção mais fácil opção de “trabalho clandestino” naqueles países como Itália, e geralmente em toda Europa do Sul, pelo qual a assistência aos idosos é ligada a uma escassez de serviços no setor público. Infelizmente, os casos de utilização são uma constante quando a inserção acontece na economia informal (longa jornada de trabalho, o não pagamento de horas extras, baixos salários...). Neste intuito Emma Luz, Gênova, conta:

E.L.: Dormia de dia e a noite tinha de ficar acordada. Eu disse que estava bom por que assim economizava o aluguel. Porém o senhor tinha alzheimer, gritava, ficava acordado a noite toda. O senhor me fazia chorar todas as noites pois arrastava tudo pelo chão, batia como cego, batia tudo que pegava e eu tinha de ficar muito atenta por que tinha medo que caísse, se machucasse... E de dia tinha a esposa, também ela muito idosa, mas não era eu que cuidava dela, tinha um outro rapaz, porém ela era cismada que eu não podia dormir, por que eu dormia, não entendia por que era já idosa. Começava a me incomodar, batia na minha porta, caminhava, fazia barulho com o bastão... Fiquei assim por um ano, depois fui pra casa no Equador. (Emma Luz, I parte, 2004).

Uma pesquisa feita pela Conferência Regional Feminina (1999, 8-9) confirma a impressão, por parte das diaristas migrantes, do trabalho doméstico como prisão. Segundo um estudo (CARCHEDI; MAZZONIS, 2003) muitas mulheres se submetem a uma condição desse tipo porque pensam na própria migração como um projeto de breve duração; isso as leva a se submeterem à exploração com o intuito de juntar dinheiro rapidamente para voltar logo para seu país.

Além do papel de funil que o trabalho de assistência desempenha em Gênova, pode-se falar disso também como um túnel que reproduz a si mesmo e a própria força de trabalho; é, realmente, muito difícil que as equatorianas desenvolvam trajetórias de modalidade ocupacional. Isso acontece também visto que a pesquisa e o acesso ao emprego acontecem por meio de mecanismos de conhecimento pessoal. Geralmente, se aplica aos compatriotas com mais anos de residência em Gênova para obter informações sobre

trabalhos possíveis de serem feitos e da possibilidade de encontrá-los. A escassez de políticas destinadas à acolhida tem contribuído para delegar aos compatriotas, já com colocação, a responsabilidade e as tarefas de ajudar os recém chegados; assim, as redes de relacionamento se inserem no espaço vazio deixado pelo órgão público (AMBROSINI, 2004). Às vezes, entram no círculo de relacionamento da migrante algumas agências autóctones, como os sindicatos, as organizações de voluntariado e os órgãos católicos. A Igreja Católica, de fato, na Itália e na Espanha, além de fornecer um suporte psicológico e social aos imigrantes, serve de canal de ajuda para a procura de trabalho e a primeira assistência (ALTAMIRANO, 1996).

Geralmente o recrutamento para trabalho doméstico, é mediado por órgãos religiosos em particular, em Gênova, por uma determinada paróquia, que trabalha para favorecer a circulação de informações entre os recém chegados e para fornecer um ponto de contato e de recrutamento entre imigrantes e o fornecedor de trabalho.⁵ São sempre os empregadores que se dirigem ao órgão religioso quando procuram alguém para empregar e a paróquia passa as informações aos imigrantes. Conforme o testemunho de Berta (2005), mãe de uma imigrada em Gênova, que foi entrevistada em Guayaquil em 2005, “sua filha sempre trabalhou graças às mediações da freira XXX”.

A Igreja desenvolve também o papel de dar formação às imigradas, dando cursos nos quais se ensinam os primeiros procedimentos para poder exercer a assistência aos idosos. Conversando com algumas funcionárias do centro religioso, foi possível captar como as equatorianas interagem com a paróquia. As freiras se lamentam do uso instrumental da Igreja que serve como ponto de referência na chegada à cidade, principalmente para achar emprego, mas depois de algum tempo, quando as mulheres encontram trabalho, deixam de freqüentar a organização.

Pelas histórias de vida, em que aparecem mulheres com alto grau de instrução e experiência profissional, vê-se que se tornam domésticas ou curadoras, uma vez chegadas em Gênova.

Neste intuito, relata-se o testemunho de Maria (2002), uma jovem testemunha de trinta e oito anos que trabalha como curadora: “Quando cheguei aqui no meu primeiro trabalho, sofri muito com a idosa para quem eu trabalhava, porque me dava 10.000 liras pra comer. De segunda a domingo. E me dava 1.200.000 liras mensais (...). De segunda a domingo eu tinha três horas livres”.

Conforme as palavras de Estela (2002), uma testemunha chegada a Gênova em 2000, que faz jornada dupla de trabalho, de doméstica e de curadora: “O meu dia livre é a terça-feira, de uma às sete e meia da noite e a quinta-feira das oito a uma e meia da tarde. E fim. Estou sempre ali com a senhora”.

⁵ A Paróquia em questão desenvolve esse papel, realmente, para todos os latino americanos.

De acordo com Ramona, uma entrevistada admitida para cuidar dos filhos de um casal genovês e que na verdade trabalha também como doméstica:

R: Hoje é o único dia que tenho livre, porque trabalho até a uma, em compensação amanhã, até as nove... das nove da manhã até as nove da noite. É longo, estou estressada... Ela nem mesmo paga bem, mas muito pouco, seiscentos e setenta e dois euros.

ChP: Quantos dias trabalha?

R: Todos... Todos...

ChP: Quanto tempo tem livre?

R: Somente na quarta-feira, vou embora a uma e volto na quinta-feira. Sábado não trabalho de manhã, porém trabalho à noite, é difícil, é difícil. No sábado tenho de ir trabalhar em outro lugar, pois aquele salário não dá pra viver. É pouco. (RAMONA, 2002).

Como visto anteriormente no caso da Maria Luz, falar com os próprios familiares que ficaram no Equador sobre as reais condições de vida em Gênova significaria admitir a falência do próprio projeto migratório inicial, baseado numa idéia de ganho fácil e rápido. Então, prefere-se confirmar as esperanças do grupo falando da Itália como um lugar onde se vive bem. Como aparece em muitas entrevistas, somente quem está *aqui* conhece, quem está *lá*, não sabe de nada:

Ramona (2002), Gênova, diz: “As pessoas que estão lá, não sabem nada sobre como é a Itália! Nós, ao contrário, sabemos a realidade como é”.

Conta Beatriz, uma jovem testemunha de vinte e dois anos que trabalha fazendo faxina na casa de um idoso:

B: Outro grande problema é que as moças que vivem aqui dizem: “Ah, sim, eu trabalho, ganho muito”. As pessoas que vêm lá de baixo pensam que tudo aquilo que falam os que estão aqui seja verdade. A metade das coisas é verdade, não tudo. Os jovens de lá de baixo vêm com um ideal, depois quando estão aqui, encontram outra história. (...) Tem gente que diz: “Não, eu não faço faxina, não dou banho, limpo só um pouco a casa, e leio o jornal para ele”, quando tudo é diferente. As pessoas vão pro Equador e dizem: “Eu não faço isso, eu não faço aquilo...” quando a gente sabe que não é assim, e as pessoas lá, ao contrário, acreditam que aquela é a verdade. Elas podem dizer tantas coisas, o que querem, porém não falam tudo e nem a verdade. Por isso te digo, que as pessoas vêm para fazer uma coisa, quando chegam, ao contrário, é tudo diferente. (BEATRIZ, 2005).

Segundo o depoimento de Alba, uma mediadora cultural equatoriana:

A: ... O que acontece é que as pessoas que estão aqui, não contam a verdade, [sorri] não todas, pouquíssimas contam a verdade, e acreditam que quando chegam aqui, ganham três mil dólares por mês, encontram trabalho rapidamente; é isso que contam os outros, há uma desinformação, não sabem nem mesmo que aqui...

Chega o inverno e estamos a zero grau, não se tem idéia da geografia, da cultura, nada, nada, somente que a Itália seja um lugar onde se encontra trabalho... (ALBA, II parte, 2002).

Estela trabalha como doméstica e como curadora para uma idosa senhora genovesa:

E: Eu penso que os nossos sejam falsos, não sei por que são metidos se aqui todos fazemos o mesmo trabalho, me desculpe o *palavrão*, mas todos nós limpamos a bunda daquela mulher. Depois se por acaso voltam pro nosso país, minha nossa senhora o que contam. São assim, te juro, são metidos... Por isso não sou muito amiga dos nossos conterrâneos, os mantenho bem longe (...). Se estão com a gente aqui no ônibus, são arrogantes também no falar, no caminhar; quando vão ao nosso país, um chama a sua família e todos lhe dizem: “Sabe, vem a tal fulana da Itália, você deveria ver...”, “Estela, quantos créditos tem em seu cartão de telefone?” Minha avó, me pergunta: “Porque no falar era assim, no caminhar era assim... ares de... (ESTELA, 2002).

Raquel trabalha formulando dietas numa clínica e teve a experiência do trabalho doméstico e de curadora:

R: Quando as pessoas chegam lá, tem essa coisa, ninguém... Você mostra a todos que está muito bem, mesmo que aqui esteve muito mal, lá conta sempre histórias... “Aqui é bom, está bem, trabalha, ganha...”. Se na nossa casa você fala para alguém que ganha mil euros por mês, lá consideram que melhor do que isso não existe, porém não sabem que aqui se ganha mil dólares por mês, mas não quer dizer que os gaste lá. Lá com mil dólares se está muito bem (...) Porém, penso que tem muito haver também com a relação familiar, se você tem uma boa relação com os seus, não quer dizer que vai contar coisas por contar, você tenta dizer a verdade. Eu, por exemplo, no meu caso, sabia que para eles não teria agradado que eu, que tive trabalho... diferente lá, aqui... fizesse faxina.

Sinto muito, mas, o que fazer? Eles são... Eu me lembro de tirar retratos com os velhinhos, e as enviava pra lá, por que assim tinha uma relação com os meus; porém se tem uma relação meio assim com a família, vai e conta... Umas coisas que... E as mais bonitas as conta você, depois falam: “Eu quero ir pra lá”. Tinha uma minha amiga ontem, que falava dessas coisas no curso, e ela dizia: “E ainda tem essa coisa da língua”. Lá quando te falam o endereço, quem sabe para te enviar um cartão, ou te pedem... Dizem: “O palácio número...” “Para eles, quando um diz palácio, pensa-se em um castelo onde vive a Cinderela, e não um edifício do centro histórico [sorrisos]. (RAQUEL, 2002).

Conforme as palavras de Luz, uma mediadora cultural equatoriana:

A: Agora mais que outra coisa, por que como muitas pessoas quando vêm pra cá, vêem que também aqui a vida é dura, mas quando voltam pra lá, para não demonstrar que... pra não voltar com o rabo entre as pernas, digamos, então fazem de um jeito de voltar, e então nas roupas, em todas essas coisas... que as pessoas as vêem e dizem: “Olha como ficou bem de vida!” “Uh... Ficou rico assim em tão pouco tempo! (LUZ, 2002).

Raquel, entrevistada em Gênova, diz:

R: Quando você chega que vai da Itália pra lá, eles têm mesmo que ver a sua boa situação, porque supõem que aqui você está muito bem, não mora numa casa com outras pessoas que nunca viu, que não são seus parentes... Porque nós lá, mesmo as pessoas muito pobres, temos quase todas as nossas pequenas casas; moram o marido, a esposa, as vezes os avós, enfim a família, o núcleo familiar, não com pessoas que aqui não sabe quem são; muitas vezes aqui te alugam um quarto com dez pessoas e não sabe quem é aquele que dorme em cima, aquele que dorme de baixo... pois quando se chega, se vive nessas condições, com dez - vinte pessoas na mesma casa com um único banheiro, com coisas que mesmo lá se muito pobre... não se faz. (RAQUEL, 2002).

Vale salientar que frequentemente se prefere uma condição precária no país de chegada à perspectiva de um retorno ao país de origem antes de conseguir alguns objetivos pré-fixados. Por mais que estes sejam frequentemente irrealis, tende-se a prolongar a permanência em Gênova para não voltar ao Equador *de mãos vazias*, tendo de admitir a falência do próprio projeto migratório e trair as expectativas do grupo de partida (PAGNOTTA, 2009).

Segundo o testemunho de Ramona, imigrada em Gênova em 2000:

R: Eles não contam! Nunca contam! Porém eu que estou aqui, conto, por que tenho de dizer... Um tem de dizer o que é a verdade no qual um... Do país, da situação. É diferente porque têm muitas pessoas que estão aqui, e quando vão ao Equador... Ficam aqui por dois ou três anos e depois voltam, oh! Contam tantas maravilhas, tantas... Dizem que têm um escritório. Todos! Porém, a realidade não é essa, pois todos temos vergonha. (RAMONA, 2002).

É bom salientar que essas entrevistas foram feitas em uma fase na qual a imigração equatoriana em Gênova estava ainda no início (2003), logo os mecanismos das redes migratórias e a conseqüente circulação das informações que, por meio delas, se desembaraçam, não estavam ainda fortalecidos. É possível que na atualidade, com a intensificação do fluxo entre Itália e Equador, as coisas estejam mudadas, mesmo que, como se viu, também no caso de Maria Luz (ela e seus familiares foram entrevistados em 2005 e em 2006) são reencontradas as mesmas dinâmicas de ocultação.

Muitas emigrantes deixam o país com a idéia de que as pessoas que *estão mal* em Gênova devem esse fato a *não terem se disposto a fazer o bastante*, não é realmente possível que não seja o paraíso esperado. Segundo o testemunho de Alba (I parte, 2002), uma mediadora cultural: “A esperança é que não possa acontecer comigo, se eu trabalho, trabalho sempre, posso melhorar a minha condição. Acontece [de falir] a quem veio para não fazer nada”.

Isso poderia também depender do fato que sobressaísse (no período em que foi desenvolvido o trabalho de campo), em alguns âmbitos, a visão

da imigração como disfunção social, como agente de desintegração familiar e de perda de valores, principalmente no caso da migração feminina.

Patrícia Gutierrez (2006), do *Serviço Jesuíta ao Migrante* de Loja, salienta uma dupla percepção, salientando como os homens que migram são vistos, pela sociedade em geral, como valentes e como aqueles que assumem riscos para o bem estar do grupo doméstico, enquanto as mulheres são mencionadas como mães desnaturadas, as que colocam em risco a união familiar. Reforça-se que a ausência dos pais, especialmente da mãe, é a causa de desequilíbrios psíquicos dos filhos: do aumento de suicídios entre filhos de emigrantes, do alcoolismo, do aumento da violência, das gravidezes precoces... Tudo isso poderia ser também as razões da ocultação das reais condições de trabalho em Gênova. Suponho que o fato de ter se submetido a um forte estigma social por esse mesmo fato de ser uma mulher emigrada, seja mais difícil contar, ao mesmo grupo que a criticou, como a viagem migratória a tenha levado a tornar-se uma doméstica nas casas européias, já que isso representa melhoria econômica, mas também uma queda do status em relação à condição anterior (PAGNOTTA, 2008). Abdemalek Sayad (1999, p. 96) explica como o migrante pensa sempre em:

Correr em direção a um “paraíso” criado por fantasmas e por uma série de mentiras sociais com as quais os imigrantes pagam as suas próprias condições. Assim compreende-se porque a imigração possa ser concebida e possa ser concluída, possa ser suportada e possa perpetuar-se, somente se acompanhada por um trabalho intenso de justificativa, isto é de legitimidade, aos olhos do próprio imigrado e aos olhos de toda sua *comitiva*.

Na primeira fase da migração, aparecem de forma crucial a sobrevivência do grupo doméstico e as relações feministas. Se no caso genovês a primeira a imigrar é uma mulher-mãe, ela deixa os filhos aos cuidados da própria mãe ou da irmã. Com esse propósito, gostaria de analisar mais detalhadamente o caso de Emma Luz e em particular, o caso de sua mãe. Eu a conheci na Itália junto da Emma Lorena e do irmão. Tinha migrado para Gênova para ajudar a filha, que tinha acabado de voltar ao trabalho; mas, com duas crianças, necessitava de alguém que cuidasse delas enquanto ela trabalhava. No verão de 2005, a velha senhora voltou a viver no Equador, para tomar conta de Emma Lorena que havia decidido terminar o segundo grau em Guayaquil. Por isso Emma Lorena, Guayaquil:

EL: Eu tinha de voltar sozinha, porém por um mês apenas. Depois pedi a ela [a mãe] se eu podia terminar o segundo grau aqui, para concluí-lo, e ela disse que estava tudo bem. Pode fazer. Então não podia vir sozinha. Podia ir para a casa de minha tia, mas não é bom incomodar as tias, eu não gosto. Queria a minha casa com as minhas coisas. Sozinha eu não podia ficar, pois ainda sou menor de idade, se fosse maior de idade, poderia ter feito o que eu queria. Eu não podia vir, então, minha mamãe teve de vir obrigada” (EMMA LORENA, 2005).

Do que diz Emma Lorena surge como figura parental substitutiva, que não seja a irmã da mãe ou o pai da jovem, mas a avó materna; é a ela que foi dada a responsabilidade do cuidar da jovem na ausência da mãe...

De toda forma, as relações não são sempre pacíficas; às vezes o papel exercido pelas mulheres para tomar conta dos filhos daquelas que migraram é ambíguo. Berta (2005), a mãe de uma jovem imigrada em Gênova, me mostra como é difícil distinguir, dentro dessas ligações parentais migratórias, as formas de aproveitamento e de interesse das formas de colaboração gratuita: “Agora entendo outra coisa. Entendo que Marisol me mandava 700 euros, embora a irmã me passava somente 200: mas eu não colocava a culpa nela, mas em Marisol, porque quem cuidava dos seus filhos era eu, então ela [Marisol] tinha de mandar o dinheiro pra mim”.

Logo o cuidar dos filhos torna-se também uma forma de trabalho do qual se espera uma remuneração informal. Uma visão dos aspectos positivos da rede e das ligações de solidariedade, no seu centro, pode fazer esquecer a existência das relações nas quais os elementos de solidariedade convivem com formas mais ou menos acentuadas de exploração e na parte interior de seus membros, uma distribuição desigual do poder. (LAGOMARSINO, PAGNOTTA, 2009).

3 O RETORNO?

Numa segunda fase da imigração, as mulheres começam a retomar as reunificações familiares. Por exemplo, no caso de Emma Luz, a mulher dá um jeito de levar para Gênova os dois filhos e a mãe, isso ativa aquele mecanismo de ajuda que, na verdade, para ela não existiu. Considerando a experiência da testemunha, isto é, as escassas informações que tinha antes da partida, a falta de uma rede que a acolhesse na chegada, a dificuldade nas relações com os familiares no Equador e o fato de estes não saberem realmente as motivações que a levaram a partir e as condições de vida em Gênova, tudo isso induz a sustentar que a existência de uma pequena rede migratória entre Gênova e Guayaquil seja muito recente. Por outro lado, parece que a imigração da qual Emma Luz participou, é uma migração de *pioneiras* e que somente nos últimos anos se iniciaram os mecanismos de ajuda que atuam entre a imigrada e um seu conhecido do país de origem.

Para muitos imigrados a reunificação familiar consiste na percepção da necessidade de mudar a visão do próprio projeto migratório. Como conta Raquel:

Escuta, aqui todos falam: fico dois anos e depois eu volto. Porque a idéia é vir aqui pra trabalhar para comprar uma casa no Equador e depois voltar logo. Mas não é assim nunca, porque na verdade seis meses aqui você passa sem trabalhar, a procura de trabalho, mas gasta também os dois mil dólares que trouxe para viver aqui, ainda

trabalha outros sei meses para pagar quem te emprestou dinheiro para vir pra cá e ainda precisa dos 20% de juros do preço da passagem, depois trabalha um ano, mas trabalhando somente um ano não consegue comprar a sua casa, nesse meio tempo chegam os filhos, a família... Eu tenho uma amiga equatoriana que se casou com um italiano, e ela diz que quer voltar pro Equador, mas quando se aposentar: “Quando estaremos mais velhos, talvez voltemos lá pra baixo”. Outra amiga já comprou a casa, mas não volta por que: “O quê que eu faço, não posso ficar sem trabalhar”, então continua economizando aqui para comprar uma loja para ela. (RAQUEL, 2002).

Gomez Crespo (2000) fala do fenômeno como uma reunificação familiar planejada posteriormente, isto é, de um acontecimento que não fazia parte do projeto migratório inicial, mas que circunstâncias materiais e simbólicas tornaram-no viável. As condições de trabalho, jurídicas e de vida nos países de adoção (em conjunto com as condições econômicas no país de partida) levam a uma renegociação das idéias sobre o próprio futuro. Como conta Emma Luz, imigrada em Gênova em 1999, o retorno dependerá tanto do que, no futuro, os filhos (reunidos na Itália) vão querer fazer quanto dos aspectos materiais contingentes:

EL: Porque, antes eu dizia: então vou fazer tudo que puder em relação a trabalho, reservo o dinheiro, e um dia volto com eles, mas levo pra mim alguma coisa nas mãos. Se eu não puder recomeçar os meus estudos... Ao menos uma farmácia, alguma coisa para seguir em frente, tanto porque na minha idade não será fácil encontrar trabalho lá embaixo. Já é difícil aqui... Nós também temos isso, até os trinta, trinta e cinco anos faze-se um esforço, alguma... Agora, ao contrário, o que eu faço? Nesse período estou afastada da minha profissão. Renunciar? Deveria estudar novamente e como faço? Há coisas negativas, mas sou... realista, digamos. A verdade é que, não é tão fácil. Quando vim pra cá, pensava que seria fácil, porém não foi nada fácil. Então penso que retornar, recomeçar lá, será difícil também, e então... Entretanto vejo que minha família quer ficar para estudar, mas vejo que ele...

ChP: Quer voltar?

EL: Ele não me diz isso: “mãe: quero voltar!” Ao contrário, diz: “se quer voltar, eu volto com você com prazer, porém quero ficar com você, se quiser ficar, ficamos aqui, sem problema”. Tanto estamos os quatro aqui e devemos ser os quatro lá, não quer dizer que mude alguma coisa... Não significa que tenha alguém me esperando lá, e nem aqui... Isso é o mais importante...

ChP: Mas a senhora o que pensa sobre voltar?

EL: “Escuta, a última coisa que pensei... até quinze dias atrás, foi que eu estou fazendo tudo para ter a minha documentação. Estou mandando dinheiro e muito dinheiro, mas mesmo que eu fique sem nada..., estou mandando para ver se é possível fazer o reconhecimento do meu diploma. Se eu conseguir isso este ano... No final de 2006 deve estar tudo pronto, mas, se não estiver tudo pronto em 2006, sinto muito, Itália, tchau. (EMMA LUZ, II parte, 2005).

Esse testemunho permite enfrentar um tema complexo como aquele das reunificações familiares e como essas influenciam o projeto migratório

inicial. Na Espanha, 90% dos imigrantes decidiram reunir-se com os filhos na Europa. Isso pode ser visto como uma mudança do projeto migratório, uma vez já iniciado; o projeto de uma migração “breve”, em alguns meses começa as mudanças, a hora de retornar é sempre adiada e prefere-se a reunião com os filhos. Inicia-se um processo longo e conflitante entre a possibilidade da permanência definitiva e a de um possível regresso, mesmo em tempos longos (PEDONE, 2006). Como salienta Sayad, de fato a imigração tem um status temporal ambíguo: “Não se compreende se tem a ver com uma condição provisória em que se gosta de prolongá-la definitivamente ou se trata de um estado duradouro em que se prefere viver com a forte sensação do provisório (2008, p. 23)”.

Uma das primeiras análises do tipo qualitativo sobre a migração equatoriana na Europa (efetuada em 2001) demonstra que 60,3% dos equatorianos teriam querido reunir-se com a família em Murcia (região onde foi feita a pesquisa). Isso confirma que, no início, os imigrantes não pensavam em viver muito tempo fora do próprio país; de fato, 63% declaram suportar viver na Espanha por um período de, no máximo, cinco anos, sem se estabelecer definitivamente (GARCIA NIETO; GUILLAMON, 2001). Como será mudado o projeto migratório dos pais logo após a instalação dos filhos nos novos países, é um dado que se poderá ver nos próximos anos. A reunificação, na verdade, é um fato relativamente recente: há quatro anos está começando a ser visto, de modo elevado na Itália e há cerca de nove anos na Espanha. As circunstâncias nas quais acontece uma reunificação familiar, os filhos começam a crescer e a se inserir em um novo contexto, por isso o regresso será constantemente adiado e talvez não aconteça nunca, não os impedem de continuar desejando e sonhando com o regresso para a pátria. Isto é exemplificado magistralmente pelos investimentos feitos no Equador com o dinheiro ganho na Europa. Uma parte das remessas é empregada na construção de enormes mansões (que no momento ficam vazias) nos municípios de origem.

HISTÓRIAS DE VIDA

Em Gênova:

EMMA LUZ, I parte, Gênova, 23 de outubro de 2004.

EMMA LUZ, II parte, Gênova, 11 de janeiro de 2005.

MARGARITA, Gênova, 13 de janeiro de 2003.

ELENA, Gênova, 03 de novembro de 2002.

ROSA, Gênova, 10 de novembro de 2002.

ESTELA, Gênova, 16 de dezembro de 2002.

MARIA, Gênova, 06 de novembro de 2002.

RAMONA, Gênova, 22 de outubro de 2002.
 BEATRIZ, Gênova, 11 de janeiro de 2003.
 ALBA, II parte, Gênova, 11 de dezembro de 2002.
 RAQUEL, Gênova, 15 de outubro de 2002.

Em Guayaquil:

BELLA, Guayaquil, 15 de outubro de 2005
 EMMA LORENA, Guayaquil, 20 de outubro de 2005
 MARIA LUZ, Guayaquil, 16 de outubro de 2005
 BERTA, Guayaquil, 13 de outubro de 2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, Alberto. Ecuador: oportunidades y amenazas económicas de la emigración. *Studi Emigrazione*, Roma, 154, p. 291-318, 2004.
- ALTAMIRANO, Teófilo. *Migración el fenómeno del siglo*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1996.
- AMBROSINI, Maurizio. *L'immigrazione in Italia*. Un quadro interpretativo. In: CONVEGNO INTERNAZIONALE "ILATINOS ALLASCOPERTADELL'EUROPA", Gênova, 2004.
- _____. Das redes e outros: processos migratórios, ligações sociais e instituições. In : ALBERT, Mari Carmen (Org.), *Migraciones en las Américas*. Alicante : Universidad de Alicante, 2006 [CD ROM].
- AMSELLE, Jean Loup. *Logiques métisses: Anthropologie de l'identité en Afrique et ailleurs*. Paris : Payot, 1990.
- APPADURAI, Arjun. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- ARDAYA, Gloria. El género en la familia. In: PACHANO, Simón (Org.), *Ciudadanía y identidad*. Quito: FLACSO, 2003, p. 147-187.
- CARCHEDI, Francesco; MAZZONIS, Martino. La condizione schiavistica. Uno sguardo d'insieme. In: CARCHEDI, Francesco; MATURA, Gianni; PUGLIESE, Enrico (Orgs.). *Il lavoro servile e le nuove servitù*. Milão: Franco Angeli, 2003.
- CARPIO, Patricio. *Entre pueblos y metrópolis*. Cuenca: ILDIS-Abya-Yala, 1992.
- CLIFFORD, James. *I frutti puri impazziscono: Etnografia, letteratura e arte nel secolo XX*. Turim: Bollati Boringhieri, 1999.
- CONSULTA REGIONALE FEMMINILE. *Situazioni emergenti di disagio sociale in Liguria*. Donne senza dimora, donne immigrate. Gênova: Consiglio Regionale della Liguria, 1999.
- CORTI, Paola. *Storia delle migrazioni internazionali*. Roma: Laterza, 2003.
- CRESPO, Gómez. Gestación y puesta en práctica de la reagrupación familiar como estrategia. *Migraciones*, Madrid, 5, p. 55-86, 2000.
- DEVOTO, Fernando. Las cadenas migratorias italianas: algunas reflexiones a la luz del caso argentino. *Estudios migratorios latinoamericanos*, Buenos Aires, 3, p. 103-123, 1998.

_____. Algo más sobre las cadenas migratorias de los italianos a la Argentina. *Studi Emigrazione*, Roma103, p. 323-343, 1992.

GARCIA NIETO, Antonio; GUILLAMON, Gómez. Radiografía de los primeros inmigrantes ecuatorianos en Murcia. *Ecuador Debate*, Quito, 56, 2001. Disponível em: <http://www.dlh.lahora.com.ec/paginas/debate/paginas/debate337.htm>

GUTIERREZ, Patricia. Socialización de experiencias de acompañamiento psicosocial a familiares de migrantes. In: ACATAS DEL COGRESO DE TRANSMIGRARED, Cuenca, 2006 [CD ROM].

HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris : Presses Universitaires de France, 1968.

HARNEY, Robert. *Gathering place*. Toronto: MHSO, 1984.

HERRANZ, Yolanda. Inmigración y incorporación laboral. *Migraciones, madrid*, 8, p. 127-163, 2000.

LAGOMARSINO, Francesca; PAGNOTTA, Chiara. Migración ecuatoriana en Italia. Las funciones de las redes migratorias. *Controversias y Concurrencias Latinoamericanas*, Buenos Aires, 1, p. 267-292, 2009.

MEZZADRA, Sandro. *Diritto di fuga*. Migrazioni, cittadinanza, globalizzazione. Verona: Ombrecorte, 2001.

PAGNOTTA, Chiara. L'emigración ecuatoriana. Un estudio di genere. *Studi Emigrazione*, Roma, XLV, 170, p. 359-276, 2008.

_____. Historias de vida de mujeres ecuatorianas en Génova. Unos puntos de análisis. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 2009. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/04/cp.htm>.

_____. *Attraversando lo stagno: Storie della migrazione ecuatoriana in Europa tra continuità e cambiamento (1997-2007)*. Roma: CISU, 2010.

PEDONE, Claudia. *Estrategias migratorias y poder: Tú siempre jalas a los tuyos*. Quito: Abya Yala, 2006, 1991.

RAMIREZ, Bruno. Les rapports entre les études ethniques et le multiculturalisme au Canada: vers de nouvelles perspectives. *Revue internationale d'études canadiennes*, Toronto, 3, p. 171-181, p.174.

SAYAD, Abdemalek. *L'immigrazione o i paradossi dell'alterità: L'illusione del provvisorio*. Verona: Ombrecorte, 2008.

_____. *La doppia assenza. Dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato*. Milão: Raffaello Cortina, 2002.

SEGOVIA, Pilar, Liguria. In: RUGGERINI, Maria Grazia; BUA, Daniela (Orgs.). *Combattere la discriminazione delle donne migranti*. Roma: Projeto europeu Codelfi, 2001, p. 44-47. (Working paper n. 16)